

EDITORIAL

Desde que a bioarqueologia passou a representar um guarda-chuva paradigmático a incluir todas as ciências ou disciplinas científicas comprometidas com o estudo do fenômeno da morte e do próprio corpo do ser humano no passado, a antiga antropologia física e a arqueologia da morte passaram a um certo isolamento, tornando-se quase exóticas: verdadeiramente foram, sim, incorporadas. A compreensão dos processos de microevolução humana, surgimento da cultura, dispersão e povoamento dos continentes e ilhas e especialmente do modo de vida – ou subsistência e demais ações relacionadas – dos grupos humanos, sua dieta, doenças, traumatismos, deformações intencionais, sua configuração de gênero, formas de violência, identidade e seus ciclos funerários passaram a representar temas caros à bioarqueologia. Entretanto, a interdigitação da ciência da biologia – pela sociobiologia – com a antropologia e a arqueologia tem ocasionado distensões e intersecções disciplinares importantes para a produção do conhecimento científico sobre os corpos dos nossos antepassados, sobre a gênese da biocultura e das derivações possíveis a partir daí. Nessa perspectiva, pesquisas arqueológicas que incluem a aplicação de conhecimentos da anatomia, como a osteologia, da antropologia da morte, genética, tanatologia e dos estudos da história – e pré-história – das doenças, da alimentação e das práticas funerárias, têm oferecido relevante contribuição para o conhecimento sobre quem eram os nossos ancestrais e como seus modos de vida possibilitaram sua extinção e a permanência de variados grupos humanos que são responsáveis pela manutenção das sociedades vivas do presente.

Nesta confluência de disciplinas agrupadas pela bioarqueologia, o presente volume apresenta textos derivados de pesquisas que buscam a interação entre disciplinas que estão focadas nas explicações sobre o corpo humano no contexto arqueológico, suas características bioantropológicas e suas formas de mobilidade e enfrentamento de condições ambientais adversas ou fenômenos especificamente humanos que remodelam os espaços sociais e da natureza. Para a Região Nordeste do Brasil, são inúmeros os exemplos de casos que podem servir para explicar a variabilidade e convergências entre os estudos das práticas funerárias, de doenças, as formas de ocupação humana do espaço geográfico e os modos de vida, ainda legíveis nos remanescentes ósseos e dentários humanos encontrados nos sítios arqueológicos. Em espaços de tempo diferentes, em uma mesma região do Brasil, podem ser verificados formatos distintos de subsistência e

manifestações socioculturais que possibilitam interpretar o substrato humano de outrora e, portanto, do presente. As relações entre os seres humanos e entre estes e o ambiente necessariamente deixam vestígios e indícios de comportamentos e respostas a fenômenos que auxiliam na compreensão do como nos tornamos humanos e o que isso tem significado para a humanidade.

Como a bioarqueologia possui um viés holístico e fundamenta-se cada vez mais nas novas tecnologias (de datação, DNA, estudos isotópicos, de identificação genética de patógenos, microdesgastes e microvestígios de diversos ecofatos e biofatos disponíveis em escavações arqueológicas pertinentes, análises microcronoestratigráficas, escaneamentos para estudos espaciais e morfométricos de superfícies e vestígios e similares), inúmeras dificuldades começam a ser observadas em relação ao potencial de análise de amostras coletadas, seus custos, ou mesmo contextos de escavação interpretados de forma inadequada. Ossos, corpos e doenças devem dizer sobre as respostas oferecidas pelos seres humanos diante da morte e mais especificamente sobre os comportamentos dos vivos. Mas o estudo dos corpos dos nossos antepassados nos possibilita conhecer a sua morfologia, pois que são, em si mesmos, patrimônio material da existência humana; e também as sociedades e as suas culturas. O corpo, a cova e os acompanhamentos funerários constituem a tríade de vestígios que podem auxiliar o arqueólogo na interpretação de práticas funerárias, práticas de subsistência, territorialidade, identidade, formas de agressividade, antigos e novos patógenos, ancestralidade biogeográfica e demais formas de simbologização ou criação de cultura. Portanto, rever antigas pesquisas ou acessar objetos de cultura material - associados ao fenômeno da morte e as respostas oferecidas pelas sociedades dos vivos - também são fazeres associados com a bioarqueologia social. Uma amostra das perspectivas especificamente tratadas pela bioarqueologia social e principalmente a arqueologia funerária - ou estudos mortuários - constitui o enfoque deste número especial da Clio Arqueológica.

302

Este número especial, **Bioarqueologia e Arqueologia funerária**, apresenta casos de interação e diálogo entre disciplinas da área biomédica, das ciências exatas e das humanidades, configurando uma reunião de textos resultantes de pesquisas básicas.

A missão multidisciplinar da Clio Arqueológica possibilitou a exposição de casos de exemplos de pesquisa que instigam a discussão sobre as temáticas principais que representam a produção de conhecimento científico no Nordeste e em outras regiões do Brasil e do mundo. Interessam neste número as perspectivas teóricas que norteiam o conhecimento sobre a antropologia biológica e principalmente, neste volume, da arqueologia funerária em associação com a abordagem globalizadora da bioarqueologia; a importância das revisões e tratamento em rede dos dados mortuários de sítios muito importantes no âmbito da bioarqueologia na Região Nordeste do Brasil; os métodos e técnicas empregados para escavar e descrever contextos arqueológicos com presença de remanescentes ósseos humanos pré-históricos; a revalorização das estruturas relacionados aos corpos dos mortos, como as urnas funerárias, os túmulos e os textos; os estudos sobre as novas abordagens da bioarqueologia, que incluem a percepção de práticas de canibalismo e a construção da identidade em sítios funerários. Este número apresenta artigos que tratam de casos tanto do Nordeste do Brasil como de outros espaços, em períodos de tempo igualmente distintos.

303

Trata-se de uma publicação na qual participam pesquisadores de áreas distintas, em especial aqueles que tem se dedicado aos estudos da bioarqueologia e da arqueologia funerária no Nordeste do Brasil, abrindo à inclusão de pesquisas realizadas em outras regiões do Brasil e do mundo - como por exemplo o estudo feito sobre as estelas funerárias egípcias do Museu Nacional do Rio de Janeiro - e cujos textos inéditos nos convidam à reflexão sobre as interfaces dessas abordagens cujos temas são específicos da ciência arqueológica.

Recife, 15 de agosto de 2018

Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva
(Editor responsável)

C L i o

ARQUEOLÓGICA

VOLUME 33 NÚMERO 2 – 2018

BIOARQUEOLOGIA E ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA

NÚMERO ESPECIAL

304

ARTIGOS

PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA ARQUEOLOGIA

Pluralidades e Patrimônio

Maria Aparecida da Silva Oliveira

1

ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA E A FURNA DO ESTRAGO

Sheila Mendonça de Souza

44

ESTUDOS EM BIOARQUEOLOGIA E ARQUEOTANATOLOGIA NO SÍTIO PEDRA DO CACHORRO, BUIQUE, PE

Caracterização do Sepultamento 3 (3.560 ± 30 AP)

Ana Solari

Gabriela Martin

Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva

93

EARLY HOLOCENE MORTUARY PRACTICES IN LAGOA SANTA REGION	
A 9600-9495 Years cal BP Case of <i>Perimortem</i> Body Manipulation from Lapa do Santo (East-Central Brazil)	138
<i>André Strauss</i>	
<i>Rodrigo Oliveira</i>	

ARQUEOLOGIA DAS PRÁTICAS MORTUÁRIAS DE GRUPOS TUPINAMBÁ E GUARANI	184
<i>Mariana Alves Pereira Cristante</i>	

VIDA ETERNA A SERVIÇO DA PÁTRIA	
Mausoléus Militares em Cemitérios Brasileiros (1924-1982)	246
<i>Adriane Piovezan</i>	

305

OS SEGUIDORES DE OSÍRIS	
O Pós-vida nas Estelas Egípcias do Museu Nacional	269
<i>Antonio Brancaglioni Junior</i>	

ARQUEOLOGIA E O PROBLEMA DO CANIBALISMO	
Contribuições Interdisciplinares	301
<i>Joadson Vagner Silva</i>	

SÍTIO FURNA DO ESTRAGO, PE	
Práticas Funerárias e Marcadores de Identidades Coletivas	330
<i>Viviane Maria Cavalcanti de Castro</i>	